

AS REPRESENTAÇÕES A RESPEITO DO MOVIMENTO DO CONTESTADO EM ROMANCES HISTÓRICOS

Aluna: Angelita de Paula

Orientadora: Roseli Terezinha Boschilia

Palavras-chave: Contestado; romances; representação

O movimento do Contestado foi uma das mais importantes revoltas sociais brasileiras. Ocorrido durante os anos de 1912 e 1916, este fenômeno social recebeu este nome por ter ocorrido numa região do interior catarinense disputada pelos estados de Santa Catarina e Paraná.

No final do século XIX, as mudanças políticas decorrentes da passagem do regime monárquico para o republicano, associado ao advento da modernização, contribuiu para promover alterações substanciais no modo de vida da população que vivia naquela região.

A construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul pela empresa do norte-americano Percival Farquhar aliada à permissão concedida pelo governo brasileiro à empresa americana para a exploração de terras numa área de aproximadamente 15 km para ambos os lados da ferrovia fez com que grande parte dos caboclos que habitavam aquela região, atuando em regime de parceria, ficassem sem moradia e sem trabalho. Somava-se a isso o desinteresse do governo federal por aquele local.

Essa situação colaborou para que a região servisse de cenário para a eclosão de uma revolta social nomeada então de movimento do Contestado. Neste palco, o aparecimento de um monge conhecido como José Maria fez suscitar naquele povo desiludido a esperança de uma vida melhor. Atuando enquanto um agente social, a figura carismática do monge logo despertou a fé das pessoas. Isso fez com que, após a realização de uma Festa do Divino ocorrida na região de Taquaruçu, em Santa Catarina, os sertanejos não se dispersassem e continuassem na companhia do monge. Acompanhado por um grupo numeroso de seguidores, José Maria decidiu então partir e se manter próximo a um coronel de sua confiança, no território do Paraná. Esse deslocamento foi entendido pelo governo paranaense como uma invasão incentivada pelo governo catarinense, e o exército, a pedido do governo do Paraná, atacou o reduto dos caboclos. Durante o combate ocorreu a morte do monge José Maria e também do coronel João Gualberto, líder das forças do exército paranaense. Após o combate, os caboclos que estavam à volta do monge se dispersaram e voltaram para as terras catarinenses.

Um ano após este primeiro combate, incitados por uma jovem que dizia ter visões do monge, os caboclos se agruparam novamente para esperar pela volta de José Maria. Esta reunião foi vista como uma nova ameaça ao governo federal, e mais uma vez houve o ataque do exército ao reduto. Porém, os caboclos se encontravam organizados e receberam, com armas, as forças do governo. Foi o início dos conflitos armados entre os dois grupos, que se estenderam até o ano de 1916. Neste derradeiro ano, já com os redutos dizimados pela fome e pela miséria, o general Setembrino de Carvalho, que comandava as forças do governo, realizou um último ataque que pôs fim ao movimento.

E é, então, a representação deste movimento que se encontra no foco principal desta pesquisa.

A historiografia referente ao movimento do Contestado mostra que os primeiros relatos sobre o conflito foram escritos durante a própria revolta ou logo após o seu término. As primeiras narrativas são basicamente trabalhos escritos por militares. Nesse campo

situam-se principalmente os trabalhos de Demerval Peixoto¹ e o Relatório² do General Setembrino de Carvalho, comandante principal da última batalha do movimento. Este, como o próprio título informa, narra, ao seu superior, as experiências e condições do movimento. Conforme atesta a historiadora Márcia Espig, “quase todas as obras sobre o tema (...) vieram a incorporar a fala do General como indiscutível fonte de informação.”³. Inclui-se ainda nesta categoria o trabalho do Tenente Herculano D’Assunção⁴.

Entretanto, é no fim da década de 1950 que aparecem as primeiras análises acadêmicas sobre o movimento. Esses trabalhos, oriundos da área da Sociologia, até hoje constituem referências importantes para quem deseja conhecer o movimento; são reflexos de uma preocupação da academia pelos estudos do homem do interior, e pela mudança de olhar sobre o sertanejo. Os principais autores que fazem parte deste grupo são Maria Isaura Pereira de Queiroz, Maurício Vinhas de Queiroz e Duglas Monteiro. Data de 1957 a obra de Maria Isaura Pereira de Queiroz, *La “Guerre Sainte” au Brésil: Le mouvement Messianique Du “Contestado”*⁵. Tal trabalho aborda o movimento do Contestado pelo seu aspecto messiânico e vê os sertanejos “como uma forma de vida específica que deveria ser compreendida através de sua lógica interna”⁶. Já no fim da década de 1960, Maurício Vinhas de Queiroz publica *Messianismo e conflito social: a Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916*⁷, no qual apresenta mais uma vez a questão messiânica, partindo, porém, de um estudo quanto às origens do movimento ligadas à terra. Juntou-se a esses dois autores, na tríade dos mais comentados livros sobre o assunto, Duglas Teixeira Monteiro com seu título *Os errantes do novo século*⁸, também do fim da década de 1960, que observa o movimento sob uma perspectiva religiosa. Ainda fora da História e temporalmente próximo aos trabalhos apresentados, encontra-se o nome do jornalista Nilson Thomé. O escritor catarinense é responsável por um grande número de obras⁹ acerca do movimento do Contestado, obtendo destaque pela paixão demonstrada pelo povo sertanejo.

No entanto é somente a partir da década de 1990 que o tema passa ao interesse dos historiadores. Dentre esses, destacam-se Ivone Cecília D’Avilla Gallo¹⁰, Paulo Pinheiro

¹ PEIXOTO, Demerval. *Campanha do Contestado*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995. 3

v.

² CARVALHO, Fernando Setembrino de. *Relatório apresentado ao General de Divisão José Caetano de Faria, Ministro da Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916.

³ ESPIG, Márcia. *Breve estudo sobre o movimento do contestado: a historiografia militar e o caso dos operários da EFSPRG*. Revista Anos 90, Vol. 14, n. 25, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/5407/3064>>, acesso em 10 de Maio de 2012.

⁴ D’ASSUMPCÃO, Herculano Teixeira. *A campanha do contestado: as operações da columna do sul*. Bello Horizonte: Imprensa Oficial, 1917.

⁵ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *La “Guerre Sainte” au Bresil: le mouvement messianique du “Contestado”*. São Paulo: USP/FFCL, 1957.

⁶ DALFRE, Liz Andrea. *Outras narrativas da nacionalidade: o movimento do Contestado*. Curitiba, 2004. 156 f. Dissertação (Mestrado- História) Curso Pós Graduação – Universidade Federal do Paraná.

⁷ QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912 – 1916)*. 3ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 1981.

⁸ MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

⁹ Citamos aqui principalmente as obras *Sangue, suor e lágrimas no território do Contestado* (THOMÉ, Nilson. Caçador: INCON/Edições UnC, 1992) e *Os iluminados* (THOMÉ, Nilson. Florianópolis: Insular, 1999).

¹⁰ GALLO, Ivone Cecília D’Avilla. *O Contestado: o sonho do milênio igualitário*. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1999.

Machado¹¹, Márcia Janete Espig¹², Liz Andréa Dalfré¹³ e Eloy Tonon¹⁴. Na tese *O contestado: o sonho do milênio igualitário*, Gallo busca uma visão do movimento a partir da luta pelo desejo de restauração da monarquia. Machado, no livro *Lideranças do Contestado*, aborda ineditamente o movimento por suas lideranças regionais. Espig também inova os estudos do movimento ao abordar a presença da literatura carolíngia para pensar a idéia de monarquia nos sertanejos. Enquanto isso o trabalho de Dalfré, *Outras narrativas da nacionalidade*, busca nas edições do Diário da Tarde, jornal curitibano da época do Contestado, a forma como foi construída a representação do sertanejo. Tonon, por sua vez, com a obra *Os monges do Contestado* trabalha principalmente com a questão da memória na região do Contestado. Destaca-se ainda o trabalho de Marilene Weinhardt¹⁵, na área da Literatura, que busca a análise de discursos ficcionais e não ficcionais sobre o movimento.

Paralelamente às reflexões de cunho acadêmico, o tema do Contestado também suscitou outros trabalhos como filmes, romances e peças de teatro. Nesse projeto, em particular, temos por objetivo o estudo das diferentes representações sobre o movimento do Contestado, bem como de seus principais personagens, a partir de romances históricos escritos sobre o tema.

Para tanto, foram selecionados os romances *Casa Verde* (1962), do autor paranaense Noel Nascimento; *Geração do Deserto* (1964), do autor catarinense Guido Wilmar Sassi e *O dragão vermelho do Contestado* (1998), do também catarinense Aulo Sanford de Vasconcellos.

As análises de obras literárias como fontes devem manter a atenção no fato de que os autores estão inseridos em diferentes contextos que resultam na maneira pela qual estas representações são construídas¹⁶. Tendo isto em vista, nossa problemática busca discutir em que medida existem aproximações ou diferenças entre os romances selecionados para a análise no que tange as representações sobre o movimento de seus personagens, apesar dos diferentes momentos em que foram escritos.

A discussão do uso da literatura enquanto fonte para o estudo da história ancora-se nas referências trazidas pela Nova História Cultural. Este momento na historiografia propõe um estudo das sociedades a partir de suas construções e pretende “enxergar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”¹⁷. Essa nova maneira de pensar a história busca, assim, explicar e entender as sociedades através das representações construídas por elas mesmas. Além disso, busca

¹¹ MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas* (1912-1916). Campinas (SP): Unicamp, 2004.

¹² ESPIG, Márcia Janete. *A presença da gesta carolíngia no movimento do Contestado*. Porto Alegre-RS: Editora da ULBRA, 2002.

¹³ DALFRÉ, Liz Andréa. *Outras narrativas da nacionalidade: o Movimento do Contestado*. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

¹⁴ TONON, Eloy. *Os monges do Contestado* – permanências, predições e rituais no imaginário. União da Vitória: Editora Kaygangue, 2010.

¹⁵ WEINHARDT, Marilene. *Mesmos crimes, outros discursos? Algumas narrativas sobre o Contestado*. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

¹⁶ Um dos exemplos a respeito destas diferenças é o que ocorre nas várias edições de cada romance. A cada nova publicação ocorrem mudanças que exemplificam o pensamento da época em volta dos responsáveis pela obra.

¹⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

espaço nos caminhos informais, indo por um viés que não é contemplado pelas formas tradicionais. Um dos representantes desta Nova História Cultural é Roger Chartier.

O autor, no livro *A História Cultural: entre práticas e representações*¹⁸, defende a importância da história cultural para determinar como, em variados momentos, a sociedade é pensada e construída. Além disso, Chartier trabalha com elementos necessários para a análise da literatura enquanto fonte histórica. Primeiramente, o autor expõe a importância de conceber a obra literária não como um objeto fixo, individualizado, mas como um portador de significados que, como tal, deve ser analisada em suas várias relações com outras obras, entre o autor e a obra e entre a obra e seus leitores.

Com o intuito de operacionalizar a análise, o autor trabalha com o conceito de *representação*. Esta, segundo Chartier, significa a transformação, através de signos e imagens, de algo que não está presente em existência. Estas formas de se representar o ausente são diferentemente construídas, feitas por diferentes grupos de pessoas – a construção simbólica está, portanto, relacionada à construção significativa. Esta maneira como as sociedades representam a realidade está diretamente ligado à forma como esta é concebida por tais sociedades, e é isto que orienta as suas práticas sociais. É, portanto a partir do conceito de Chartier que pretendemos fazer a análise das fontes selecionadas.

Os romances aqui analisados foram escritos nas décadas de 1960 e 1990, por autores oriundos de cidades da região do Contestado, sendo dois deles catarinenses, e um paranaense.

As duas primeiras obras foram escritas nos anos 1960, período conturbado da política brasileira, as vésperas do golpe militar, que instalou a ditadura no país. Já o terceiro romance foi escrito no início dos anos 1990, quando a política mais uma vez é decisiva e o Brasil encontra a volta das eleições diretas¹⁹.

Porém, antes da análise das fontes, foram realizadas pesquisas a respeito da própria história do movimento do Contestado e uma revisão historiográfica a respeito do tema, estudo que resultou na escrita do primeiro capítulo da monografia. Em seguida, o método de análise consistiu na comparação, através de quadro comparativo, entre os principais aspectos a respeito do movimento representado nos romances. Estes temas foram escolhidos por representar de uma forma geral os pontos de destaque dentro do movimento do Contestado. E este processo de comparação e análise deu origem ao segundo e o terceiro capítulo deste trabalho monográfico.

No segundo capítulo analisamos as representações a respeito dos antecedentes do conflito, bem como as causas que levaram à revolta. Ou seja, seguindo uma linha cronológica, foram abordados os principais pontos até a morte do monge José Maria considerando as representações sobre os sertanejos, a figura do monge e a primeira batalha. No que se refere ao enredo dos romances, vale destacar a preocupação dos autores em aproximar-se da historiografia e do que as fontes oficiais revelam sobre o tema. É a partir ainda do enredo que eles pensam o movimento do Contestado – há a narrativa ficcional que serve como linha de raciocínio das histórias e o contexto histórico a respeito do movimento é apresentado dentro de uma trama pensada anteriormente. Podemos perceber também neste primeiro momento de análise a presença de personagens fictícios que cumprem a

¹⁸ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro; Lisboa: Bertrand Brasil: DIFEL, 1990

¹⁹ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

função de corroborar na construção dos argumentos dos autores. Suas histórias se entrelaçam com as dos personagens históricos, porém sua existência é necessária somente durante a permanência do enredo criado pelo autor.

Já no terceiro e último capítulo nos preocupamos com a análise do segundo momento do movimento, que se estende da reunião do povo na região de Taquaruçu um ano após a morte do monge José Maria até o derradeiro ataque do exército aos caboclos. É nesta parte dos romances que a descrição do povo, seu cotidiano e suas motivações ficam mais fortes. E nas descrições sobre o povo os autores deixam transparecer, através de comentários e traços de personalidade dos personagens as suas opiniões, sendo, por exemplo, irônicos a respeito da fé cega dos caboclos. Além disso, é neste capítulo também que analisamos a representação dos personagens mistificados, conhecidos como virgens, e ainda o final do conflito, e a memória que este deixou. A forma como contam as histórias dos personagens mitificados além dos monges, no caso os virgens, também representam a preocupação dos autores quanto à construção de linhas narrativas para contar as histórias de cada personagem específico, o que não acontece com a historiografia. As representações nos romances acontecem de forma mais rica e mais detalhada que na bibliografia.

Tendo a pesquisa realizada em vista, podemos concluir a respeito dos romances históricos sobre o movimento do Contestado que, apesar das diferenças entre os momentos de produção, os livros guardam muitas semelhanças entre si. Primeiramente sobre os sertanejos, os três autores colocam como característica principal de seus comportamentos a fé. A religiosidade é um aspecto predominante entre eles na opinião dos autores. Ainda há a paixão com que os romances são escritos, e isto é recorrente nas três obras. O local de onde estas produções são realizadas é de destaque para se compreender este fato, e podemos observar que por serem catarinenses e paranaenses os autores demonstram uma ligação com a região e com o povo do Contestado que é expressa nos textos.

Também guardam entre si um ponto de vista em comum no que toca ao personagem do monge José Maria. Para os três autores, ele é mais um vilão que um salvador do povo. E não perdem a oportunidade de demonstrar isso a cada insinuação que fazem a seu respeito. Podemos concluir que isso se dá principalmente pela simpatia que os autores demonstram em relação ao povo do Contestado, encarando o monge como alguém que somente trouxe malefícios aos caboclos. Ainda ganha destaque entre as semelhanças a priorização da instauração do regime republicano como um dos principais motivos para a eclosão do conflito. A questão política prevalecendo perante outras motivações, talvez possa ser explicada também pelo contexto no qual os romances foram escritos, sobretudo no início da década de 1960, em que o país vivia num regime de exceção.

Entretanto, os romances ainda guardam entre si também diferenças. A principal delas é no que se refere as batalhas. Como o conceito de Chartier propõe a respeito da representação, nos romances somente o que é mais significativo para cada autor é representado. Noel Nascimento, paranaense, valoriza a fé dos caboclos e suas orações fervorosas, exaltando a religiosidade. Já os autores catarinenses, por sua vez, dão ênfase aos momentos de combate em si e às táticas, valorizando o aspecto guerreiro do sertanejo.

O movimento do Contestado é ainda um tema em aberto, com várias fontes e aspectos a serem explorados. Esta pesquisa pretendeu ser uma contribuição a estes estudos, buscando a pesquisa a partir de fontes pouco exploradas.